

8. Basta um sim para mudar a vida

por Julián Carrón*

Neste momento poderia aparecer uma objeção: Dom Giussani ama Jesus, enquanto eu, infelizmente, não o amo ou não o amo como ele o ama, como lhe diziam alguns alunos: “*Dá para ver que Giussani ama Jesus e eu, pelo contrário, não o amo tanto assim*”. Dom Giussani responde rechaçando qualquer álibi: “Por que vocês opõem? O que vocês opõem? Por que opõem aquilo que vocês não teriam àquilo que eu teria? Por quê, o que eu tenho? Eu tenho este *sim* e basta, e para vocês não custaria nem mesmo uma vírgula mais do que custa para mim. A objeção de vocês erra o alvo, ou melhor, revela a busca por uma desculpa, por um pretexto. Os defeitos e erros de vocês, conclamados e reconhecidos publicamente, [...] são um pretexto para não dizer ‘sim’ a Jesus. Dizer ‘sim’ a Jesus. [...] Não há nada mais simples: ‘Eu não sei como é, não sei como seja: sei que tenho de dizer ‘sim’. Não posso deixar de dizê-lo’. Eu poderia dizer ‘não’, poderia ter dito aos sete anos: aos sete anos uma pessoa pode ser orgulhosa a ponto de negar (aos sete anos se pode negar); aos quinze, pior; aos vinte, mais ou menos; depois chega: a pessoa é simplesmente, abertamente, conscientemente impostora, ou então diz ‘sim’”.¹

Nós criamos muitas imagens enganadoras desse “sim”. Mas para dizê-lo não são necessárias uma coragem ou uma capacidade particulares: é suficiente ir atrás daquela simpatia que nasce d’Ele. O “sim” nasce da experiência inconfundível de correspondência, despon-ta do reconhecimento de uma presença ligada ao próprio destino. O “sim” só implica a sinceridade de admitir a correspondência experimentada, de ceder à evidência de um olhar único sobre a própria vida. É deste modo que Deus se justifica perante o nosso coração.

Tentemos agora – terminado este percurso – fazer a comparação entre o método de Deus testemunhado pelo “sim” de Pedro e o método que estamos usando, mais ou menos conscientemente, com nós mesmos e com os outros. De onde esperamos a nossa mudança e a dos outros? Que método usamos? Com que métodos nos surpreendemos agindo? Com o de Deus? Se não é assim, se não prevalece esse método, sucumbimos ao dualismo; de modo que o “sim” de Pedro – mesmo considerado com admiração – se reduz a piedade, a devoção, a sentimentalismo religioso, até mesmo a intimismo, e para viver, para encarar a situação, as relações, a vida social e cultural, usamos “outra coisa”.

Giussani havia-nos advertido destas coisas há já algum tempo, no distante ano de 1977. “Que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se um realce »

*Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fratemità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» ‘espiritual’.” E não deu outra. “O concreto seria outra coisa.”²

Evidencia-se o dualismo na mudança de método: prescindimos da história particular originada por Cristo como método para transmitir a concepção cristã do homem, para despertar sua adesão, sua moralidade, e apontamos para outra coisa. Ou melhor, por um lado, reduz-se a dimensão do encontro com Cristo e, por outro, conseqüentemente, confiamos-nos, com afã ou presunção, ao que nós sabemos fazer, conforme os esquemas de todos.

É como se a fonte de uma cultura nova fosse o nosso esforço inteligente de análise e de desenvolvimento e não pudesse, de algum modo, ser uma “história particular”, o affectus por um fato, pelo acontecimento de Cristo presente. E, quando é assim, inevitavelmente os critérios e as perspectivas de juízo são emprestados daquilo que o “supermercado” do mundo nos oferece, ainda que não nos demos conta. Tendo reduzido o encontro a uma inspiração espiritual ou a uma emoção, tiramos de outro lugar os fatores do nosso olhar para a realidade. E assim se insinua em nós o dualismo.

Ao passo que “consciência nova e moralidade nova”, insiste Dom Giussani, “têm a mesma origem. Para Simão, filho de João, e para Paulo, a origem da consciência nova é idêntica à origem da moralidade deles: um Acontecimento presente”.³

A origem de uma cultura verdadeira e de uma moral nova é um acontecimento, um ponto específico, uma Presença cheia de atração e o apego a ela. Para começarmos a perceber isto, seria suficiente olhar com um mínimo de lealdade para o que aconteceu a cada um de nós. Não é por um esforço empregado por nós que passamos a reconhecer dimensões e profundidades do humano que antes não víamos ou recusávamos, que nos surpreendemos capazes de gestos que antes nem sequer imaginávamos: foi por um encontro, que se renovou no tempo e ao qual aderimos.

É o encontro com Cristo, mediante uma determinada realidade humana, que abriu os nossos olhos, que escancarou a nossa razão, ultrapassando medidas e preconceitos, e que mudou nossa forma de tratar tudo. E o que aconteceu conosco é a única saída também para os outros. Hoje vemos com clareza: não adianta uma insistência sobre a antropologia cristã para mudar a forma de olhar o homem; não adianta a mera repetição do conteúdo da moral cristã para mudar a forma de se relacionar com a realidade. Tivemos de esperar que o Mistério se fizesse carne, que acontecesse um encontro na nossa vida, pois sem a Sua presença, sem a presença de Cristo aqui e agora, a antropologia cristã e a moralidade cristã não se enraízam em nós. É aqui que decidimos se seguimos o que Cristo nos mostrou ou não. Muitas vezes, prescindindo de como Cristo faz as coisas, achamos que podemos chegar aos outros de outra forma. E, todavia, é preciso que aconteça o mesmo fato que ocorreu conosco, que ocorreu a Pedro, e é preciso que o homem o reconheça e o acolha, como nos aconteceu no início do caminho e como não pode ser diferente em nenhum outro ponto do percurso. Disto nasce a imitação de Deus.

¹ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*. Milão: BUR, 1999, p. 203-205.

² L. Giussani, “Viterbo 1977”. In: Idem, *Educar é um risco*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 96.

³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 78.